



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

RO(BIOS): HOSPITALIDADE, SUBJETIVIDADE(S) E TECNOLOGIA(S) DE SI PELO VIÉS PANDÊMICO/DISCURSIVO

RO(BIOS): HOSPITALITY, SUBJECTIVITY(IES) AND ITS TECHNOLOGY(IES) THROUGH PANDEMIC/DISCURSIVE BIAS

Maria Aparecida da Silva Santandel¹
Ester da Silva Santandel²

Resumo:

Este artigo propõe refletir sobre a hospitalidade ao fomentar subjetividade(s) na abordagem tecnológica *startup*, utilizada para reverberar o momento pandêmico presente no cotidiano brasileiro, com uso do robô “cuidador de pacientes”, intitulado Robios. Problematicamos o discurso tecnológico como mobilizador de efeito de sentido da telepresença no espaço hospitalar, ao mover subjetividades cunhadas na e pela hospitalidade. Nossa hipótese é de que, no século XXI, o acontecimento viral da COVID-19 fomentou o uso das ferramentas e dispositivos de saber/poder, por parte do Estado, que dinamizam a telepresença, estimulando no sujeito nova forma de se ver e de ser representado (visto), contribuindo para a dependência e/ou esvaziamento de si. Para essa abordagem, utilizamos o aporte teórico de Derrida (2003); Foucault (2006, 2010); Neves (2011), entre outros. Empregamos o método arqueogenealógico foucaultiano, presente na Análise de Discurso de Linha Francesa, guiado pela perspectiva qualitativa e pelos gestos interpretativos de (re)significação. O objeto do *corpus* constitui-se na materialidade discursiva existente em uma entrevista veiculada no Canal Youtube sobre tratamentos paliativos, intitulada “Comunicação de más notícias em tempo de pandemia”. Os resultados, parcialmente obtidos, revelam a existência do fortalecimento da hospitalidade, principalmente quanto aos cuidados paliativos em relação à morte, amparada por dispositivos tecnológicos pelo quadro diferencial do viés pandêmico, em consequência de protocolos ditos adequados que assujeitam ao sequestro de si, enquanto promovem no sujeito uma nova (re)significação da vida e da ausência.

Palavras-chaves: Biopolítica. Discurso. Robótica. Subjetividade. Psicanálise.

Abstract:

This article aims to reflect on hospitality by fostering subjectivity(ies) in the "Startup" technological approach, used to reverberate the pandemic moment present in Brazilian daily life, using the robot "caregiver of patients", entitled Robios. We problematize the technological discourse as a mobilizer of the effect of sense of telepresence in the hospital space, by moving subjectivities coined in and by hospitality. Our hypothesis is that, in the 21st century, the viral event of COVID-19 promoted the use of tools and devices of knowledge / power, by the State, which dynamize telepresence, stimulating in the subject a new

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). E-mail: marisantandel@gmail.com.

² Graduanda em Psicologia. Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Graduação (PROGRAD). E-mail: estersantandel31@gmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

way of seeing and being represented (viewed), contributing to the dependence and / or emptying of oneself. For this approach, we used the theoretical contribution of Derrida (2003); Foucault (2006, 2010); Neves (2011), among others. We used the Foucauldian archeogenealogical method, present in the French Discourse Analysis, based on the qualitative perspective and interpretive gestures of (re)framing. The object of *corpus* is based on the discursive materiality existing in an interview broadcasted on the Youtube Channel about palliative treatments, entitled “Communication of bad news in times of pandemic”. The results, partially obtained, reveal the existence of the strengthening of hospitality, mainly regarding palliative care in relation to death, supported by technological devices due to the differential framework of the pandemic bias, as a result of adequate “said” protocols that subject to the kidnapping of oneself and, at the same time, they promote in the subject a new (re)framing of life and absence.

Keywords: Biopolitics. Discourse. Robotics. Subjectivity. Psychoanalysis.

1. Um olhar sobre a hospitalidade: a robótica e sua(s) subjetividade(s)

Atualmente, o Brasil, assim como todos os países do mundo, está (re)aprendendo a lidar com situações emergenciais de amparo e de valorização da vida, em decorrência da inquietude provocada pela pandemia de COVID-19. Vários segmentos têm buscado se adequar: escolas, hospitais, restaurantes, supermercados, igrejas, clubes, enfim, todo o tipo de setor. Ao analisarmos a situação pandêmica instalada mundialmente, evidencia-se, pelos discursos, o nosso despreparo humano/social para lidar com o imprevisto, com as “surpresas do cotidiano”. Existem diversos fatores que nos mobilizam para a alteridade com novas perspectivas e promovem novos paradigmas.

Diante de quadros questionáveis como alguns tópicos de necropolítica (MBEMBE, 2019) e de tanatopolítica (AGAMBEN, 2002), os países se mobilizam em políticas públicas, com parcerias de diferentes segmentos, para pensar alternativas que sejam eficazes e gerem resultados positivos em curto prazo. Necessariamente, estamos vivenciando um contexto não somente de “Pandemônio” (RAJAGOPALAN, 2020)³, porque “a pandemia já está interferindo em nosso jeito de pensar, de agir”, mas também estamos vivenciando efeitos de subjetividades⁴ que se contrapõem

³ Termo usado por Rajagopalan durante uma *live* intitulada “Linguagem e Sociedade em tempos de isolamento”, realizada em 06 de maio de 2020, promovida pela Associação Brasileira de Linguística (Abralín), em cooperação com Comité International Permanent des Linguistes (CIPL), Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL), Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos (SAEL) e Linguistic Society of America (LSA). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g-vEw5u4V3M>. Acesso em: 06 maio 2020.

⁴ Segundo Filho, Martins (2007, s/p), para a psicologia, “o conceito de subjetividade passa do campo da psicanálise para os domínios das psicologias na primeira metade do século passado, mas é somente no seu final que ele se despe de um sentido naturalizado e substancializado de interioridade, passando a ser pensado em termos históricos, sociais e políticos – como produção de subjetividade – apresentando-se contemporaneamente como objeto possível para muitas psicologias de cunho crítico, como alternativa a uma problematização da “identidade”, exatamente por buscar dar conta das diferenças. Essa perspectiva histórico-política da subjetividade ganha destaque neste momento em decorrência do declínio do conceito de identidade, que se esgota numa exaltação ao “idêntico”: movimento de se repetir, de se fazer idêntico a si mesmo para facilitar a visibilidade social e permitir a localização e captura pelos poderes. Visibilidade de duas vias: do sujeito que se repete e se reconhece idêntico a si mesmo, e que neste movimento se expõe à vista dos



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

às relações interpessoais. Nesse contexto, os discursos marcam seu território mostrando o quanto somos cindidos, clivados pelo inconsciente e movidos por discursos outros que ganham poder de “vontade de verdade”, conforme inserção em diferentes condições de produção.

Ao propormos este artigo, amparamo-nos na perspectiva do sujeito foucaultiano movido no e pelo discurso, adentrando o campo da subjetividade enquanto condição própria do sujeito que, necessariamente, ao falar, independentemente de sua vontade e/ou desejo, está envolto pela ação do inconsciente. Logo, abordamos as perspectivas discursivas considerando as condições de produção e a relação que elas mobilizam enquanto formações discursivas, propulsionadas pelo acontecimento em si. Propiciam ações que direcionam, cada vez mais, a presença das tecnologias/robóticas no espaço urbano/social, que se consolida a partir de discursos que mobilizam o efeito de sentido de “potencialidade” contra o contágio pandêmico, dentro do deslizamento de hospitalidade.

Nesse sentido, objetivamos refletir sobre a hospitalidade ao fomentar subjetividade(s) na abordagem tecnológica *startup*, utilizada para reverberar o momento pandêmico presente no cotidiano brasileiro, com o uso do robô “cuidador de pacientes”, intitulado Robios, conforme figura abaixo:

Figura1. Startup Human Robotics: Robios



Fonte: Basílio/Arquivo Gazeta do Povo (2020).

Tal mecanismo atua como mobilizador de efeito de sentido da telepresença no espaço hospitalar, movendo subjetividades cunhadas na e pela hospitalidade. Esse acontecimento é impulsionado, especialmente no Brasil, pelas necessidades decorrentes da pandemia, que forçou adequações em diferentes setores considerados essenciais, como saúde, transporte e alimentação. Diante do exposto, consideramos significativo o aspecto da hospitalidade que permeia

outros, tornando-se identificável e capturável pela lei, pela norma, pela moral. Essa questão política, portanto, está ligada a práticas de individualização e identificação social de sujeitos, envolvendo jogos de normalização, formas de reconhecimento de si e dos outros, além de modos de subjetivação, que exigem posicionamento crítico e resistência a uma certa “política das identidades” exercida pelo Estado contemporâneo”. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300003. Acesso em: 30 de nov. de 2020.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

as relações de subjetividade no quadro pandêmico instalado nas sociedades atuais. A hospitalidade carrega efeito de sentido diferencial ao ser analisada na perspectiva do “estrangeiro” (paciente da COVID-19). É importante destacar que utilizamos o conceito de hospitalidade ancoradas na esteira derridiana, definido da seguinte forma:

A lei da hospitalidade, a lei formal que governa o conceito geral de hospitalidade, aparece como uma lei paradoxal, perversível ou perversora. Ela parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto” de hospitalidade. Em outros termos, a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num palco), nem mesmo seu nome. (DERRIDA, 2003, p. 25).

Nesse contexto, trazemos um debate que abrange a biopolítica presente nas relações de saber/poder, mas, antes de tudo, que se relaciona com o que produzimos e permitimos produzir na interação com o outro/Outro. A pandemia forçou o sujeito a (re)aprender situações de convivência, situações de sobrevivência, situações de “saber morrer”, “saber viver”. É o paradoxo posto: nossa casa, local de abrigo, de compartilhamento, de recebimento do outro, de acolhimento, de interação social, passa, em menos de três meses – do corrente ano de 2020, mais especificamente, a partir de março de 2020 –, a ser o cerceamento do sujeito, a prisão em tempo de liberdade, a exclusão para os ditos livres, a fronteira para muitos sujeitos, a exclusão social. Essa situação é agravada quando um ente da família é infectado pela COVID-19⁵ porque sofrerá a conjuntura posta de marginalização epidêmica. Será considerado sujeito “negativo” para o processo de interpelação, de inclusão, de coletividade. Alteram-se as relações e as regras de convivência tanto para si quanto para o outro/Outro.

Cria-se, a partir desse sistema panóptico, uma regra de conduta, de convivência, dentro das casas e fora delas. Ao se tornar positivo, o sujeito recebe o parecer negativo do Estado ao reconhecê-lo como partícipe do mesmo espaço social que outrem. O Estado, enquanto normatizador, gerenciador das disciplinas que regem a sociedade, passa a (re)organizar políticas e ações a que submetem os sujeitos, reconhecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “positivos”, para um contexto de sobrevivência, reconhecido como “negativo”, gerando a biopolítica especializada para esse tratamento social.

Diante do exposto, a pandemia trouxe uma confusão conceitual em relação às condutas sociais e de convivência que, até o momento, dificultam as decisões sociais porque tais direcionamentos vão além da simples obediência ou subserviência. Os sujeitos são colocados em

⁵ No momento em escrevemos este artigo, no site oficial Coronavírus Brasil, confirmam-se 6.836.227 casos e 180.437 óbitos acumulados. Disponível em: <http://www.covid.saude.gov.br>. Acesso em: 11 de nov. de 2020 às 19h40min.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

xeque porque dependem do conceito de responsabilização que cada um considera para se adequar aos dispositivos de poder. Exemplo disso é o alto índice de sujeitos que se aglomeram em espaços públicos sem uso de máscaras e desrespeitando o distanciamento social. De outro lado, existem os sujeitos, cerca de 60%⁶, que estão cumprindo coerentemente as proposituras.

Literalmente, emergiu sobre todo o mundo um “Pandemônio” (RAJAGOPALAN, 2020) porque provocou a inversão dos valores básicos de inter-relacionamentos e tornou positivo o isolamento social. Em um século cuja dinâmica social é a coletividade e suas nuances de dependências, vimo-nos mobilizados para (re)significarmos todo nosso comportamento e, assim, conseguirmos individualizar-nos, segmentar, apesar dos recursos midiáticos/digitais que amenizam a experiência do distanciamento⁷. Se considerarmos alguns aspectos socioculturais, diríamos que estamos (re)criando normas de netiqueta para o convívio e sobrevivência diante do processo vivenciado com a pandemia.

Isso implica considerar que o sujeito designado “positivo” já não terá o poder de ser dono do seu próprio corpo até que se cure, ou melhor, até que receba o autorizo médico de “soltura” (cura). Nessa perspectiva, instaura-se o que Foucault (2012) afirma ser o poder dos saberes, das disciplinas, o controle dos corpos dóceis. Logo, no século XXI, com a pandemia, estamos dentro de um *Panopticon*, em que determinadas regras nos fazem controlados, vigiados, disciplinados. Esse controle foi reforçado, visualizado muito mais do que em outras épocas e momentos históricos. Ao estarmos na obediência do isolamento social, o Estado gerencia com maior poder/saber, com total governança sobre os corpos e mentes, direcionando novas formas de dispositivos que contemplem os “sujeitos mascarados” pela pandemia.

Desse modo, estamos vivenciando um momento em que a subserviência ultrapassa o limite de Estado e adentra o território de pertença familiar; não existe fronteira. Somos o sujeito do ócio-útil (FOUCAULT, 1979). Na esteira derridiana, o sujeito hospedeiro (em sua casa), em situações de força maior, ao ser deflagado como “positivo” em relação à COVID-19, lança-se como hóspede (em hospitais). Alternam-se, assim, a concepção e a representação do sujeito a partir do olhar do outro. Portanto, o sujeito “positivo” está em constante entre-lugar porque não tem a referência nem da casa nem de fora dela, mas, dependendo da situação, torna-se literalmente sequestrado do seu espaço e subjetividade proporcionado pelo lar (casa). Nessa perspectiva, deixa sua posição de sujeito hospedeiro para tornar-se sujeito hóspede.

Nesse contexto, a biopolítica centra-se na normalização das disciplinas e das regras, busca as adequações necessárias para garantir a devida assistência médica, mental e funcional, respaldadas pelas diretrizes de governamentalidade (FOUCAULT, 2010). Logo, o sujeito “positivo”, ao receber a assistência médica, torna-se o sujeito “paciente”, moldado por condições de saber/poder direcionadas pelo Estado/Nação.

⁶ Conforme pesquisa elaborada pela PUC, em parceria com a empresa Softwares In Loco. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/quase-60-dos-brasileiros-estao-cumprindo-o-isolamento-social.html> Acesso em 29 de out. de 2020.

⁷ Como exemplo disso, citamos os aplicativos como Meeting, Zoom, Cisco Webex, entre outros comumente utilizados para o contato imediato para reuniões, videoconferências, webconferências etc.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Diante dessa situação, interessa-nos, na esfera da psicanálise e do tratamento paliativo, problematizarmos a importância das relações familiares para melhores resultados junto aos sujeitos “positivo” porque, mesmo com todo aparato tecnológico disponível nas unidades intensivas de saúde, há necessidade da presença, da referência, da alteridade que se encontra no contato com o outro, principalmente pelo viés tecnológico da telepresença que o Robios permite e impulsiona.

Abordamos, na próxima seção, alguns aspectos das condições de produção para darmos o direcionamento analítico que propomos.

2. Condição de produção e análise dos dados: hospitalidade x sequestro do sujeito

Nesta seção, problematizamos o discurso tecnológico como mobilizador de efeito de sentido da telepresença no espaço hospitalar. Na abordagem tecnológica *startup* utilizada para reverberar o momento pandêmico presente no cotidiano brasileiro, o uso do robô “cuidador de pacientes”, intitulado Robios, fomenta subjetividades cunhadas na e pela hospitalidade.

Para pontuarmos o objeto do artigo, traçamos abaixo as condições de produção que marcam o acontecimento da inserção do robô Robios no suporte de atendimento a pacientes, definido como “Robô de Serviço Hospitalar”, conforme discurso da Empresa Human Robotics⁸, a atual mentora do projeto existente no Brasil. Esse robô foi entregue ao Hospital Universitário Cajuru (doravante, HUC) do Grupo Marista⁹, no município de Curitiba (PR), na modalidade comodato, para auxiliar na parte de humanização da equipe médica junto ao sujeito paciente.

Ressaltamos que interessa-nos mobilizar reflexões de como tais situações provocam a subjetividade nos sujeitos ditos “pacientes” em relação ao atendimento recebido e, de forma, geral, como são tratadas as situações psicológicas diante do tratamento paliativo que mobiliza o sujeito paciente a novas formas de referência de si e do outro.

Para iniciarmos a reflexão, analisamos dois recortes, depoimentos do sujeito monitor (o profissional que acompanha e trabalha diretamente com o suporte de apoio junto ao Robios nas ações que ele desenvolve no hospital). Os recortes foram extraídos de uma *live* intitulada “Comunicação de más notícias em tempo de pandemia”, apresentada pela Dra. Daniela Thomaz, do Hospital Universitário do Cajuru, de Curitiba, durante o evento “Seminário Integrado: cuidados paliativos e luto”, postada no canal YouTube. Vejamos:

⁸ O fundador dessa empresa, Sr. Oliver Smadja, afirma ter definido a identidade (nome) do robô “Robios” como uma forma de ressaltar a relação entre máquina e homem, prevalecendo a ideia de robôs que “trabalhem junto com o humano”. Essa explicação foi dada via mensagem no Facebook (página oficial da Human Robotics) em 02 de dez. de 2020, às 17h56min. Disponível em: <https://www.facebook.com/humanroboticsai>. Acesso em: 02 de out. de 2020.

⁹ Conforme pesquisas, no Brasil, além do HUC em Curitiba, existem atualmente mais três hospitais que realizam esse tipo de atendimento, sendo os outros dois: Hospital São Cristóvão Saúde (do Estado de São Paulo) e Unimed “João Pessoa” (do Estado de Paraíba).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

(R1) ... Eu **estar sendo mediador** desta comunicação **através de vídeos** por um **tablet** e também como o **Robios** é algo muito gratificante. Mesmo sem **contato** físico é como **segurar** a família com uma mão, o paciente com a outra, então **aproximar** os dois para o **tão desejado toque**.

(R2) Somos cercados por diversos desafios: o **contato** com o familiar que atenda a **internet**, a bateria dos aparelhos, espaços físicos diminutos. Mas o produto final é o **que** realmente compensa: o **alívio da família e paciente** ao saber **que** podem **ver e ouvir** aqueles **que** tanto amam e então **renovar** os seus motivos para **viver e esperar**.

O discurso presente em (R1) se ancora na referência técnica, digitalizada, básica para existir a articulação entre os sujeitos utilizando-se dos recursos que demandam a telepresença vivenciada neste século XXI. O uso dos verbos regulares “**estar**” e “**aproximar**” promove o efeito de sentido da presença, da assistência, como se as ferramentas tecnológicas tivessem a autonomia para direcionar os sujeitos em suas dificuldades e/ou superações. Atualmente, as tecnologias estão muito além da produção informal ou industrial, mas, sim, ancoram-se na tentativa de se equipararem ao subjetivo, ao humano, de serem aliadas às necessidades outras com efeito de autogovernar. Nesse sentido, Castells (2013) ressalta a importância dos recursos para autogovernar-se:

Se os cidadãos não tiverem os meios e as formas de se autogovernar, as políticas mais bem-planejadas, os programas mais bem-intencionados, as estratégias mais sofisticadas podem ser ineficazes ao corromper-se ao serem implementados. O instrumento determina a função. Só uma comunidade política democrática pode assegurar uma economia que funcione como se as pessoas importassem, assim como uma sociedade a serviço dos valores humanos e da busca de felicidade pessoal. (CASTELLS, 2013, p. 176).

Dessa forma, o quadro pandêmico trouxe com ele discursos outros que motivam um autogoverno das pessoas e das situações dentro de efeitos de sentido não somente do aspecto da biopolítica, mas também do inconsciente. Ainda em (R1), o uso dos sintagmas “**vídeos**” e “**tablet**” marca o território e a influência da tecnologia presente na sociedade pós-moderna que gerencia, a partir das relações de saber/poder (FOUCAULT, 2010), critérios, normatizações e disciplinas que autorizam o uso de determinados objetos e espaços em determinada condição de produção, reforçando o controle do Estado e/ou das instituições sobre os corpos dóceis dos sujeitos governados. Nesse sentido, o sintagma “**mediador**” provoca um efeito de sentido que mobiliza determinada interatividade, situando o sujeito como provedor das situações e/ou encaminhamentos em relação à atuação do Robios.

Podemos considerar que essas novas tecnologias “vídeos, tablet, internet”, conforme palavras de Derrida (2003, p. 81), “todas essas máquinas que introduzem a disrupção ubiqüitária e o desenraizamento do lugar, a des-locação da casa, a efração no *chez-soi*” permitem uma nova forma de subjetividade. Portanto, em todo o contexto tecnológico, mesmo diante da problemática pandêmica, o sujeito carrega consigo o efeito da língua, que, segundo a esteira da psicanálise derridiana, permite o “falarouvir-se”.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Nesse sentido, problematizamos esse sintagma “mediador” em “media(dor)”, ao considerarmos o quadro crítico que a pandemia causa em todos os sentidos: sociais, físicos e psicológicos. De uma forma geral, esse sintagma “mediador”, conforme o Dicionário Michaelis (2008, p. 558), significa “aquele que intervém”, “árbitro”. Mescla-se, assim, a ilusão de completude, emergente em consequência do *biolocus* (NOLASCO, 2016, p. 2), ao relacionar a liberdade de direcionamentos que poderiam ser realizados junto ao Robios e pacientes. Essa sinalização também nos permite considerar que tanto pacientes quanto máquinas, representadas pelo “Robios”, estão em um entre-lugar, dentro de marcações estabelecidas, fronteiras a serem (re)significadas pela demanda pandêmica, que, para alguns, são o denominado “novo normal”.

Nessa perspectiva, tanto em (R1) quanto em (R2), os sintagmas “vídeo”, “tablet”, “internet”, “bateria de aparelhos” mobilizam a validação da importância tecnológica dentro do contexto do século XXI, criando a ilusão de verdade de um novo espaço “hospedeiro”, substituto para o sujeito paciente, funcionando como instrumentos minimizadores de sofrimento. No viés pandêmico, o “Robios” surge como uma nova forma de cuidar de si e do outro, mobilizando o efeito de sentido de “mediar dor”, o que reverbera para uma aceitação de humanização do ato. Embora sejam máquinas, possuem a prática de rituais próprios dentro do hospital (FOUCAULT, 1979), abrangendo, em especial, os profissionais de saúde, ao fazer atividades básicas e diminuir o contato com o paciente isolado e, para os pacientes de COVID-19, ao oferecer distração através de músicas e chamadas de vídeo, promovendo a presença dentro do espaço da ausência. Esse efeito de sentido estimula o deslizamento para a vontade de verdade de domínio, de autocontrole. Por outro lado, oculta o imediatismo que as empresas e grandes monopólios estão conseguindo incutir em alguns campos básicos de convivência social, a exemplo dos campos da saúde e da educação.

Esses gestos causam perspectivas de “provisoriidade” ao promover no sujeito o acolhimento e estimular a presença do outro (mesmo que por vídeo). Tal acontecimento, a COVID-19, transforma-se, ilusoriamente, em algo passageiro e controlável. Transmite, inconscientemente, tanto ao paciente quanto à família, a ilusão de verdade, de proximidade, de pertencimento ao utilizar os dispositivos tecnológicos. Exemplo disso são as tecnologias de softwares, as denominadas *startups* que, utilizando-se de periféricos necessários como celular, tablet e notebook, promovem diferentes tipos de subjetividades ao dinamizar as potencialidades do “cuidar”, tanto pelo olhar dos familiares quanto do paciente. Torna-se, desta forma, um cuidado que, mesmo sendo realizado tecnologicamente, mobiliza efeito de sentido de humanização, de acolhimento, de minimizador de sofrimento. Portanto, com a pandemia da COVID-19, o sujeito, cujo modo de vida era considerado de “liberdade” para agir, em poucos meses, torna-se um sujeito de uma sociedade impulsionada à (re)invenção e ao cerceamento, ao (re)significarmos as nossas ações e, principalmente, o nosso cuidado com o outro.

Por outro lado, o sujeito paciente encontra-se em um dilema ao referenciar-se no espaço hospitalar porque está envolto pelo sutil dispositivo da hospitalidade (DERRIDA, 2003). Ao encontrar-se num espaço em que está não somente privado de liberdade como também privado da vida (caso a COVID-19 não seja destruída) durante o processo. Nesse sentido, o espaço hospitalar transmite uma nova configuração que não é somente de viver, mas de fazer viver. A medicina do



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

século XXI está envolta por novos desafios causados pela pandemia e traz um forma diversificada de pensar o sujeito e as relações de convívio dentro do espaço hospitalar. Assim, ao seguir os procedimentos indicados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para diminuir a transmissão do vírus, não cuidamos apenas de nós mesmos ou de nossas famílias, mas também de desconhecidos, de sujeitos outros.

Neste momento diferencial, fica explícita a necessidade de pensarmos em sociedade e para sociedade. É um paradoxo ao tratarmos da forma de sobrevivência e de relações em tempo de pandemia. Exemplo disso é o que vigora na sociedade brasileira, que busca alternativas para vencer a morte, em relação ao que podemos sofrer. Por mais que o processo de morrer seja subjetivo, a cultura e as crenças referentes à morte afetam o modo como as pessoas enxergam a própria morte. Cada costume e prática é importante para lidar e significar a morte e a perda, de modo que diminua o sofrimento e ofereça conforto em um momento em que muitos sentem-se confusos e indefesos. (PAPALIA *et al.*, p. 636-637). Segundo a OMS, os cuidados paliativos são uma abordagem que melhora a qualidade de vida de seus pacientes (adultos e crianças) e famílias que enfrentam problemas associados a doenças que ameaçam a vida. Previnem e aliviam sofrimento através da identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor e outros problemas físicos, psicossociais e espirituais.

Soma-se a esse arcabouço o contexto de positividade transmitida pelo reflexo da aceitação dos recursos midiáticos e tecnológicos como “funcionalmente” apropriados para tais momentos de superação da saúde pública. Ressaltamos que não efetuamos críticas ao processo de utilização dos recursos robóticos nos espaços hospitalares porque o viés que propomos perpassa a questão da subjetividade causada por esses dispositivos nos sujeitos pacientes, e não suas relações com os aparelhos em si ou seu investimento financeiro. Sabemos da importância de tais recursos para a dinamização na saúde e para assegurar algumas inovações diante da pandemia, em especial, (res)significando o acontecimento “luto”.

Segundo Kübler-Ross (1981), o fenômeno do luto antecipatório ocorre em um contexto em que há uma doença grave envolvida. Assim, o luto é desenvolvido a partir do processo de adoecimento e, portanto, “permite despedidas, resolução de pendências, início da construção de novos significados, identidades, relações” (FRANCO, 2014; GILLIES *et al.*, 2006).

No contexto pandêmico, o luto antecipatório começa a partir do diagnóstico do COVID-19 e o abrandamento dessa condolência torna-se mais difícil devido ao isolamento hospitalar que impossibilita o oferecimento do conforto do contato físico de pessoas queridas, o agravamento do estado do paciente que se encontra em deterioração rápida e, muitas vezes, sem expectativa de melhora e as limitações sanitárias que impedem as cerimônias tradicionais. Em vista disso, a única alternativa para evitar o contágio do vírus, são as visitas virtuais. Desse modo, o Robios não substitui, nem ocupa o lugar do outro, mas é através dele que se instala o lugar do outro, ou seja, o intermediário necessário que permite a instauração do lugar da família e amigos, o que permite novos significados para as relações e despedidas.

A realização de rituais é importante para o processo de separação e despedida; auxilia no fechamento do ciclo (FRANCO, 2002). Assim, a ressignificação, por meios dos rituais virtuais na



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

pandemia, constitui-se como essenciais para aqueles que ficam e não tiveram a possibilidade do último toque. Dessa forma, surgem movimentos online, como o Rituais Virtuais do Projeto InFINITO¹⁰ e Partidas e Partilhas do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto¹¹, a fim de dar espaço para homenagens e desfechos simbólicos.

Considerando o exposto, segundo o autor Philippe Ariès (2003), devido à modernização das sociedades, surge uma nova forma de ver o morrer que consiste em delegar o paciente às organizações especializadas de tratamento de doenças a fim de impedir a morte e prolongar a vida. Desse modo, a racionalidade científica na orientação da vida transforma a morte em uma ameaça ao bem estar subjetivo. Portanto, a morte torna-se oculta, um tabu, aquela da qual não se fala e que se esconde. Porém, na pandemia, a morte deixa de ser interdita e é escancarada pela mídia. Para de ser escondida e passa a ser mais presente. Com a falta de medicalização e a difícil recuperação somos obrigados a encarar o que tentamos esconder e que mais nos define: a imortalidade. Dessa forma, fica explícito que tememos a morte, não o vírus. Tememos o fim, não a doença.

Nessa perspectiva, nos discursos apresentados em (R1) e (R2), existe a materialidade marcada pela presença do verbo ser no presente do indicativo “é”, que denota a ação do verbo enquanto “proposição completiva factual” (NEVES, 2010, p. 32), em que o sujeito confirma a existência do fato e da tecnologização em relação ao “Robios” tanto como oportunidade de diferenciação na aproximação das pessoas quanto da importância da humanização do espaço e dos serviços aos pacientes da COVID-19. Portanto, o uso do verbo “ser” produz efeito de sentido de “acontecimento”, de complemento à realidade posta, confirmada pelo uso, dentro da oração, das conjunções “que” ao exercerem a função de objeto direto, reforçando a questão de ordem dentro do discurso. (NEVES, 2010, p. 787).

Assim, os discursos presentes nos recortes R1 e R2 nos direcionam para novas reflexões porque permitem um olhar na conjuntura social e nas condições de produção que hoje estamos vivenciando, que são diferentes de outrora. “No entanto, resta ainda uma questão: até que ponto a presença dos Robios nos espaços hospitalares será realmente significativa para o sujeito paciente e para seus familiares, se em sua grande maioria estão aguardando a hora da morte?

3. À guisa de conclusão

Considerando o contexto socio/cultural vivenciado na sociedade brasileira, o denominado “Pandemônio”, percebemos o quanto a subjetividade e os discursos estão enraizados na sistemática voltada para o controle dos corpos e da obediência social. Os “sujeitos mascarados” vivenciam a nova forma de hospitalidade em defesa do bem-estar social que promove, inconscientemente, a efervescência do esvaziamento de si e do cerceamento, impulsionando diferentes empresas ao imediatismo de seus investimentos, seja na saúde, na educação ou no transporte.

¹⁰ O Movimento inFINITO também proporciona eventos, que podem ser acompanhados online, com o propósito de fomentar discussões e ressignificar o olhar amedrontado sobre a morte, para que ela seja vista como um momento diferente na mesma vida. Disponível em: <https://rituais.infinito.etc.br/> Acesso em: 12 de out. de 2020.

¹¹ Disponível em: <https://site.hcrp.usp.br/eventos/partidas-e-partilhas/>. Acesso em: 23 de out. de 2020.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Este estudo confirma a hipótese de que, no século XXI, o acontecimento viral da COVID-19 fomentou o uso das ferramentas e dispositivos de saber/poder, por parte do Estado, que dinamizam a telepresença, estimulando no sujeito nova forma de se ver e de ser representado (visto), contribuindo para a dependência e/ou esvaziamento de si. Os resultados parciais revelam o fortalecimento da hospitalidade, principalmente quanto aos cuidados paliativos em relação à morte, amparada por dispositivos tecnológicos pelo quadro diferencial do viés pandêmico, em consequência de protocolos ditos adequados que assujeitam ao sequestro de si, ao mesmo tempo em que promovem no sujeito uma nova (re)significação da vida e da ausência.

As tecnologias que impulsionam a robótica como dinamizadora dos espaços hospitalares são bem-vindas ao considerarmos o retorno psicológico que promovem para pacientes e familiares, porém não podemos deixar de registrar que, apesar do dinamismo existente na propositura do Robios, estão mobilizando a presença de uma política voltada para que se valorizem os instrumentos de humanização nas relações de atendimento nos hospitais públicos, aliada às necessidades outras, com efeito de autogovernar.

Ao considerarmos o Robios enquanto mecanismo que permite o tratamento paliativo, assumimos que sua presença permite nova configuração da morte e do fazer morrer porque, por mais que o processo de morrer seja subjetivo, a cultura e as crenças referentes à morte afetam o modo como as pessoas enxergam a própria morte. Entretanto, aos poucos, a morte é banalizada por aqueles que querem esquecer a aflição de estar sob ameaça constante e torná-la interdita novamente, através do discurso de individualização: a morte do outro não importa, somente a minha vida.

Assim, esperamos que as reflexões e problematizações trazidas nesse gesto interpretativo propiciem novas formas de pensar a subjetividade no contexto pandêmico e possam contribuir para a melhoria do sujeito em seus espaços, considerando as relações de saber/poder que diretamente o envolvem.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Vol. I. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ARIÈS, Philippe. **A história da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BASÍLIO, Patrícia. Gazeta do Povo. *In*: **Robô 100% brasileiro auxilia médicos a evitar contágio de Covid-19 em hospitais**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/gazz-conecta/robo-brasileiro-auxilia-medicos-a-evitar-contagio-de-covid-19-em-hospitais/> Acesso em 19 de nov. de 2020.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE. **Da hospitalidade**. Paris: Calmann-Lévy, 1997. Tradução de Fernanda Bernardo. Viseu: Palimage, 2003.

EVENTO. **Seminário integrado: cuidados paliativos e luto**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2taigs7i1M4>. Acesso em 02 de out. de 2020.

FACEBOOK. **Human robotic**. Disponível em: <https://www.facebook.com/humanroboticsai>. Acesso em: 02 de out. de 2020.

FILHO, Kleber Prado; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *In: Psicologia & Sociedade On-line version*. ISSN 1807-0310. Psicol. Soc. vol.19, n. 3, Porto Alegre, Sept./Dec. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300003. Acesso em: 30 de nov. de 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2012 [1975].

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. A Política de Saúde no Século XVIII. *In: Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel [1926-1984]. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. M. B. (org). Trad. de Vera Lucia Avellar Ribeiro. **Ditos e Escritos**. Vol. 1, 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **O poder psiquiátrico: curso dado no Collège de France (1973-1974)**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, Maria H. P. Luto antecipatório em cuidados paliativos. *In: FRANCO, M. H. P.; POLIDO, K. K. Atendimento psicoterapêutico no luto* (pp. 27-35). São Paulo, SP: Zagodoni, 2014.

FRANCO, Maria H. P. **Estudos avançados sobre o luto**. Campinas, SP: Livro Pleno. 2002.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

GILLIES, James; NEYMEYER, Robert A. Loss, grief and the search for significance: toward a model of meaning reconstruction in bereavement. **Journal of Constructivist Psychology**, 19 (1), 31-65. 2006.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

INFINITO. **Movimento**. Disponível em: <https://rituais.infinito.etc.br/> Acesso em: 12 de out. de 2020.

NEVES, Maria H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NOLASCO, Edgar César. A (des)ordem epistemológica dos discursos fronteiriços. *In: Cadernos de Estudos Culturais: ocidente/oriente - migrações*. Campo Grande – MS: Editora UFMS, v. 8, n. 15, abril/2016, s/p.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D.; MARTORELL Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. Trad. de Carla Filomena Marques Pinto Vercesi *et. al.* 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RAJAGOPALAN. kanavillil. Vídeo (1h17min). **Linguagem e sociedade em tempos de isolamento**. Publicado pelo Canal Abralín - Youtube. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g-vEw5u4V3M> Acesso em: 06 de maio de 2020

SÃO PAULO. Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. *In: Partidas e Partilhas*. Disponível em: <https://site.hcrp.usp.br/eventos/partidas-e-partilhas/>. Acesso em: 23 de out. de 2020.